

Entrevista

Entrevista com Patricia Seed

Interview with Patricia Seed

Luis Guilherme Assis Kalil¹

lgkalil@yahoo.com.br

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes²

leof79@gmail.com

Patricia Seed, professora da Universidade da Califórnia, em Irvine, gentilmente nos cedeu esta entrevista durante os últimos meses de 2013. Especialista em história da cartografia e da navegação, Seed dedicou-se, em boa parte da carreira, ao início da era moderna e da colonização europeia do Novo Mundo, especialmente em relação às culturas ibéricas.

Conversando conosco por e-mail, a historiadora americana abordou a repercussão dos 20 anos de seu *Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo* (editado pela Unesp, em 1999). Escrito sob uma perspectiva comparada dos impérios europeus, o trabalho procura dissolver a perspectiva de que houve uma “Europa” vinda para dominar a América, mostrando como cinco potências colonizadoras da época (Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda) desenvolveram cerimônias que visavam legitimar sua posse sobre os territórios deste lado do Atlântico. Seed argumenta que os espanhóis tinham uma posse pautada na leitura formal de documentos (cujo centro foi o *Requerimiento*); os portugueses valiam-se de marcos astronômicos; os ingleses, de plantações e ocupação efetiva do solo; os franceses, por sua vez, apostavam nas procissões e no suposto consentimento dos nativos; por fim, os holandeses seguiram a trilha dos portugueses, mas o fizeram sob a égide da elaboração de mapas das terras exploradas. A partir desses cinco países (expostos separadamente em cada um dos capítulos da obra), a autora defende que, num mundo onde inexistia uma política internacional propriamente dita, cada Estado, baseado num misto de suas próprias definições jurídicas, costumes e idiomas, acreditava que tinha posse legítima de partes do Novo Mundo, o que ocasionou colonizações diferentes e muitos conflitos, uma vez que a cerimônia de posse feita por um país não era interpretada como válida pelas outras metrópoles europeias.

Na entrevista a seguir, Seed nos falou a respeito de suas escolhas historiográficas e sobre algumas de suas teses mais conhecidas abordadas neste e em outros de seus livros e artigos. Mas foi além disso, nos trazendo novos *insights* sobre questões

¹ Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador do Grupo de Estudos “História das Américas: fontes e historiografia”, do CNPq.

² Professor Adjunto do departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisador do Grupo de Estudos “História da Historiografia e Modernidade” e líder do Grupo de Estudos “História das Américas: fontes e historiografia”, ambos do CNPq.

não abordadas em suas obras bem como comentando de forma bastante franca as críticas que recebeu.

História Unisinos: Como a senhora avalia sua trajetória como pesquisadora, tendo em vista o lançamento de seu livro sobre mapas (Seed, 2014), indicando uma nova mudança em seus interesses em comparação com as publicações anteriores?

Patricia Seed: O meu interesse nos mapas veio precisamente do livro *Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo* (1995). Durante a investigação para o último capítulo do livro, descobri que a maneira holandesa de legitimar a propriedade do Novo Mundo foi criar um mapa do território. Fazer um mapa queria dizer que os colonos conheciam muito bem o território a tal ponto que podiam fazer uma visualização cheia de detalhes. A ideia de que um mapa poderia ter um papel tão importante me parecia muito interessante. A partir daí, comecei a aprofundar os meus estudos de cartografia.

História Unisinos: Em seu *Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo*, a senhora enfatiza a dificuldade de compreensão existente entre as diversas nações europeias, analisando seus argumentos e linguagens. Dificuldades estas que ficam evidentes em outras de suas obras, como a abertura do livro *American Pentimento*³. Partindo deste quadro, até que ponto o intercâmbio de professores e obras nos dias atuais não pode servir como base para o fortalecimento do diálogo entre diferentes tradições historiográficas?

Patricia Seed: É certo que o intercâmbio de professores e das obras aumentou o conhecimento mútuo. Porém, o conhecimento de algo e o seu entendimento são coisas distintas. A maioria das pessoas que se deparam com algo desconhecido ou não entendido tende a reagir com rejeição, menosprezo ou zombaria. Acadêmicos não estão isentos dessa reação humana comum. As pessoas raramente se questionam ou consideram que talvez elas não tenham entendido. Elas quase sempre atribuem a falta de entendimento ao outro lado. A fim de entender a posição de alguém de outro país, é preciso esforçar-se a pensar em vez de reagir.

Vou dar um exemplo. Eu estava escrevendo os primeiros artigos sobre o tema da colonização comparativa e li pela primeira vez traduções dos textos originais para os meus alunos. Sempre que lia o original de uma narrativa francesa sobre as cerimônias de posse, os alunos começavam

a rir. Na tentativa de criar as condições para a compreensão aos meus alunos de língua inglesa, eu tinha que primeiro aceitar que suas reações à minha leitura dos textos franceses diziam alguma coisa sobre os próprios alunos. Não discuti nem procurei dissuadi-los, mas tentei entender por que eles acharam as narrativas tão engraçadas. Nenhum deles conseguiu articular uma razão ou explicação para esta reação, mas ficou claro que eles entenderam os desfiles realizados pelos franceses em terras americanas como parte das cerimônias de posse como algo desimportante e, talvez, tolo. Eu tinha que respeitar as fontes originais e as reações modernas dos estudantes igualmente. Não poderia rejeitar nenhum dos dois. Por isso, tive que tratar as reações tanto dos franceses do século XVI quanto dos norte-americanos do século XX como objetos para estudar desapaixonadamente e encontrar algum elemento nos desfiles franceses que eles estariam dispostos a aceitar sem cair no riso. Eles passavam a respeitar os desfiles só depois que eu os associava com a história da realeza francesa. A partir disso, eles puderam, finalmente, entender os significados dos desfiles franceses no Novo Mundo. Logo, a única maneira de evitar gargalhadas foi descrever as cerimônias reais da França antes, e, só então, eles aceitavam os textos franceses sem rir.

Por outro lado, ao ler as narrativas inglesas, ideias como a ideologia inglesa da terra despovoada lhes pareceram óbvias. Eles não conseguiram encontrar nada de errado ou engraçado sobre os métodos ingleses de legitimação da posse das terras.

Compaixão e curiosidade sobre reações alheias são essenciais para escrever a história comparativa.

História Unisinos: Em grande parte de seus livros, fica evidente a predileção por grandes recortes temporais bem como pela identificação de longas permanências⁴. Quais as vantagens heurísticas desse tipo de recorte?

Patricia Seed: A resposta é simples: a busca da mudança. Uma tarefa central do historiador é pesquisar e identificar as alterações no passado. Essa expectativa está profundamente enraizada na formação dos historiadores. Como resultado, muitas obras de história afirmam que uma grande mudança só aconteceu durante o curto período que elas examinam, enquanto os períodos anteriores e posteriores ao intervalo analisado teriam se mantido estáveis e imutáveis. Em muitas obras de história, a mudança é alegada em vez de ser comprovada.

Intervalos curtos são muito bons quando o objetivo da pesquisa é desvendar uma sequência de eventos.

³ "One need only cross any international border to see that history, unlike fiction, rarely transcends international boundaries" (Seed, 2000, p. ix).

⁴ Por exemplo, o apêndice ao capítulo 4 do livro *Cerimônias de posse*, onde há a defesa de que as predileções inglesa e portuguesa para a determinação de fronteiras persistem até hoje: "Os marcadores físicos de fronteiras continuam a ser considerados de forma cética nas leis contemporâneas brasileiras e no entanto são preferidos nos sistemas legais americanos. As linhas matemáticas [...] e não os objetos físicos, continuam a fixar os limites de propriedades no Brasil contemporâneo, um legado de uma 'descoberta' matemática do Novo Mundo e a cerca e a sebe ainda constituem o meio central para estabelecer as fronteiras no Novo Mundo antes pertencente à Inglaterra" (Seed, 1999, p. 186).

Por exemplo, desemaranhar uma sequência de eventos é algo importante para a história militar, para a história das revoluções ou para quem estuda revoltas políticas.

A minha razão de usar longos períodos de tempo é muito simples. Quero saber se a mudança social, cultural, política ou econômica tem qualquer poder ou significado importante. Informações de um curto período de tempo podem simplesmente refletir um episódio menor – como um ponto fora da curva ou um capricho individual – e não uma alteração efetiva ou significativa. Para isso, preciso examinar um longo período de tempo.

História Unisinos: Outro ponto em comum, presente em várias de suas obras, é o grande papel atribuído à linguagem⁵. A senhora poderia aprofundar um pouco mais as razões que a levaram a essa predileção bem como as implicações que ela traz em suas pesquisas?

Patrícia Seed: Vejo a linguagem como um instrumento fundamental para a pesquisa em História. As palavras não funcionam como indicadores precisos de direção, mas como bússolas que dirigem os rumos da investigação. Por exemplo, li muitas vezes nos documentos escritos em inglês que a razão mais convincente para a conquista da América foi o encontro de uma terra despovoada ou pouco povoada. Isso, por um lado. Por outro lado, eu sabia que os portugueses também enfrentavam uma situação semelhante na costa do Brasil. Mas nos documentos portugueses do primeiro encontro (a carta do mestre João e também a carta de Pero Vaz de Caminha) e nos relatos produzidos nos anos seguintes pelos primeiros jesuítas, eu não encontrava nem a mesma razão nem as mesmas palavras. Em vez disso, os documentos falavam dos corpos dos índios, seus costumes e o potencial para a introdução do cristianismo. Ninguém falava uma palavra depreciativa sequer sobre a maneira indígena de ocupar a terra. A pergunta para mim e para qualquer historiador era: por que os ingleses falam da terra despovoada?

Nos documentos ingleses do período, eu encontrava poucos momentos de dúvidas, mas essas dúvidas enfocavam a necessidade de obter a aprovação dos índios e não rejeitavam a expressão de que a terra era pouco povoada. Os historiadores norte-americanos e ingleses também aceitavam essas passagens como uma razão lógica e correta. Quando todos aceitam uma interpretação não como interpretação, mas como a verdade, o tácito começa a ser um dogma. E os dogmas sempre têm uma história.

Para saber a origem do dogma, eu procurava na história das palavras e das expressões para encontrar as primeiras menções de “vacant land” no idioma inglês. Descobri que a palavra anglo-saxã “land [terra]” era muito antiga, mas que a palavra “vacant” veio do francês e foi usada pela primeira vez na Inglaterra após a conquista normanda. Daí a conjunção de “vacant” e “land” não poderia ter antecedido a conquista normanda. Agora que eu tinha o ponto de partida, poderia começar a olhar para a história da Inglaterra depois do ano 1066 para examinar os contextos políticos e econômicos em que a expressão “vacant land” era utilizada, e o tipo de situações em que ela foi aceita como uma razão para a ocupação de terras. Então pude entender como e por que colonos de língua inglesa adotariam essa expressão especial “vacant land”, e também por que eles entenderam isso como uma razão legítima para colonizar as Américas. Ao mesmo tempo, também entendi por que um colono de Portugal vendo o mesmo tipo de aldeia indígena não se referia a esta expressão e por que ele nunca iria considerar usá-la como uma razão para justificar a ocupação do Novo Mundo.

Espero que esta história sirva como indicação de como um tipo de investigação na história das palavras serve como uma espécie de bússola para o historiador. Nesse caso concreto, a história das palavras indicava a época que eu deveria investigar.

História Unisinos: Em 2015, o livro *Cerimônias de posse* completará 20 anos de publicação. Qual foi a recepção da obra no período em que ela foi lançada?

Patrícia Seed: Quando o livro foi publicado, recebi duas reações muito diferentes. A primeira e mais bonita veio de pessoas que acharam o ponto de vista utilizado por mim nesta obra como algo inovador e interessante. A utilização da história comparativa era uma novidade, e muitas pessoas acharam isto muito intrigante.

A outra abordagem – não muito diferente de respostas das pessoas comuns para algo diferente, que elas não entendem completamente – foi rejeitar ou zombar do conteúdo da obra.

Algumas dessas críticas infelizes valeram-se de um ditado popular em inglês para criticar as comparações entre itens incompatíveis: “É como comparar maçãs e laranjas”, diziam. Minha resposta foi concordar com elas, mas contestar a base do ditado. Em uma aparição na televisão no canal público local, comecei a discussão com cinco frutas à minha frente: uma maçã, uma pera, uma laranja, um limão e um limão siciliano. Eu disse que cada uma represen-

⁵ Em seu *Cerimônias de posse*, a autora parte do princípio de que as diferenças de linguagem geravam profundas consequências dentro dos debates e disputas pela legitimidade da posse das terras descobertas. Passagens semelhantes também podem ser identificadas em outras obras: “The method of this book is to focus on what I should like to call the problem of language – the history of change in socially constituted meanings of words, concepts, and language [...] A careful study of the language and responses of church officials can help to establish whether or not certain sets of meaning were dominant in a given period” (Seed, 1988, p. 9). “Because the dominant languages and legal cultures throughout the Americas are European, citizens of the modern Americas today often instinctively share many of the historical and cultural attitudes the colonizers brought with them” (Seed, 2000, p. 7).

tava um país diferente: Inglaterra (maçã), França (pera), Espanha, (laranja), Portugal (limão siciliano) e Holanda (limão). Com uma faca de cozinha, cortei cada uma delas ao meio, apontando que todas tinham sementes dentro: a definição de uma fruta. Sim, *Cerimônias de posse* contrasta países diferentes, mas todos eles são frutos; todos eles estão reivindicando o direito legal de possuir o Novo Mundo. Eles poderiam estudar as maçãs, mas eu estudaria as frutas.

História Unisinos: E atualmente, como a senhora analisa os argumentos apresentados em sua obra tendo em vista as quase duas décadas de produção historiográfica que a separam do livro?

Patricia Seed: Acho que poderia ter produzido um livro mais bem escrito com a experiência que tenho agora. Entretanto, os principais argumentos são, basicamente, os mesmos que mantenho até hoje.

História Unisinos: Anos após a publicação do *Cerimônias de posse*, a senhora publicou a obra *American Pentimento* (2001), em que volta a delinear um modelo hispânico e outro inglês de colonização. Dessa forma, até que ponto podemos considerar esta obra como um desdobramento das reflexões apresentadas no livro anterior?

Patricia Seed: Vocês estão corretos. Originalmente planejei o *Cerimônias de posse* como o primeiro de uma série de três livros. O primeiro iria estudar os rituais de posse legal, o segundo iria comparar a estrutura de subjugação dos índios, e o terceiro contrastaria ações militares e suas fundamentações contra os mesmos. *American Pentimento* é o segundo volume dessa trilogia. No entanto, a Cambridge University Press recusou-se a publicá-lo. Já a University of Minnesota Press aceitou. Esta mudança de editores tornou difícil para a maioria das pessoas identificar as continuidades. Eu aplaudo vocês por terem notado.

História Unisinos: A busca por características nacionais nos rituais de posse não acaba homogeneizando regiões sob a égide de uma “nação” em detrimento de divisões internas? A Espanha pode servir como exemplo. Na página 12 da tradução para o português do livro *Cerimônias de posse*, podemos ler que três elementos foram fundamentais para a formação de suposições histórico-culturais específicas a cada país (a vida cotidiana, uma linguagem coloquial comum e um código legal partilhado). Entretanto, no caso espanhol, esses três elementos podem ser relativizados no século XVI se tomarmos em consideração as tradições de Castela e de outras regiões da Península. Dessa forma, a muito bem argumentada exposição feita pela senhora sobre os problemas da identificação de um modo “protestante” e outro “católico” de colonização não acaba sendo substituída por outro essencialismo: o modo espanhol, português, inglês...?

Patricia Seed: A homogeneização a que vocês se referem é correta. No entanto, a homogeneização que eu descrevo no livro ocorreu em um determinado momento histórico e foi o produto daqueles acontecimentos determinados pela ocupação da América.

O processo de homogeneização desenvolveu-se organicamente a partir da conquista. Os colonos ficaram muito longe da Europa (três meses de viagem até a América). Sozinhos, eles provavelmente iriam morrer ou tornar-se parte do mundo indígena. Para sobreviver e, ao mesmo tempo, dominar os territórios e as pessoas, eles precisavam se unir. O grupo com o qual eles tinham maior probabilidade de vínculo, como senhores, era aquele que os tinha acompanhado para o Novo Mundo, os que falavam uma língua reconhecível, que compartilhavam tradições jurídicas básicas e tinham muitos dos mesmos costumes na vida cotidiana. A aspiração de colonizar exerceu uma poderosa força coesiva sobre os colonos do Novo Mundo.

Em outras palavras, é verdade que existiam diferenças entre os dialetos e tradições jurídicas de diferentes regiões: na Espanha (Castela, Andaluzia e Aragão, por exemplo) e na Inglaterra (regiões de tradições legais anglo-saxônicas e tradições dinamarquesas). Mas o desejo de colonizar obrigava a união de um grupo de estranhos para estabelecerem uma linguagem, uma gramática e uma tradição jurídica comuns, que englobava o domínio sobre os índios, com o intuito de garantir a sua permanência e ascendência comum no Novo Mundo. Por isso, eles tiveram que simplificar o idioma, diminuir expressões e vocábulos muito regionais, reduzir as leis aos princípios básicos aceitos pela maioria. Pela primeira vez, tiveram que fixar, ou melhor, *inventar* uma identidade linguística e legal como sendo “inglesa” ou “portuguesa” para os propósitos de colonização.

Os reis e os governos da Europa tiveram a mesma aspiração de dominar o Novo Mundo. Como consequência, os mesmos governantes, em alguns momentos, alteravam as normas europeias para alinhá-las com as normas feitas nas Américas. O governo de Castela teve que baixar a taxa de impostos, por exemplo. Os reinos e as nações europeias tiveram que aceitar e chegar a um acordo com as normas da linguagem e das leis que se fixaram na América para chegar ao objetivo compartilhado de dominação colonial.

O processo foi muito parecido com fazer um molho por processo de redução. Você pega um líquido que tem muitos elementos aromatizantes e o ferve até que quase toda a água tenha evaporado, restando apenas uma pequena quantidade de líquido, quando os sabores mais intensos passam a prevalecer – com apenas um toque subjacente de outros sabores.

História Unisinos: Tais essencialismos, quando apresentados sobre esquemas valorativos que põem ibéricos como atrasados e protestantes como mais modernos, estão relacionados, no seu entender, à *Leyenda Negra* dentro da historiografia norte-americana sobre o período colonial?

Patrícia Seed: Vocês têm razão. Essas identificações foram inventadas a fim de criar uma única autoridade unida sobre o Novo Mundo. Desde logo, eu também entendo como essas versões simplificadas da linguagem e da autoridade chegavam a ser mais facilmente alvos de potências inimigas. A *Leyenda Negra* foi propaganda inglesa, por exemplo. Os espanhóis e os portugueses também zombavam dos ingleses, mas esses chistes são menos conhecidos hoje por causa da dominação atual da cultura inglesa.

História Unisinos: Ainda em relação às especificidades de cada projeto de colonização, como a senhora vê abordagens que privilegiam os pontos de contato entre diferentes grupos? Como exemplo, podemos citar o trabalho de Jorge Cañizares-Esguerra, no qual podemos ler tropos comuns entre puritanos ingleses e católicos espanhóis?

Patrícia Seed: Na conquista da América, o momento de contato entre dois povos desconhecidos é um momento ambíguo, incerto, precário. Os dois grupos se enfrentavam sem saber ao certo os objetivos do outro. Os sentimentos de pessoas de ambos os grupos eram intensificados. Os resultados deste enfrentamento ainda eram desconhecidos. Não havia tempo para reflexão, apenas para julgamentos precipitados e interpretações ligeiras. Os relatos do enfrentamento, ao contrário, eram sempre escritos com calma, após a ocorrência dos eventos, e quando a situação já havia sido resolvida. Eles não refletem muito das ansiedades e dos distúrbios do momento. Sempre são trabalhados a partir de elementos cuidadosamente selecionados da confusão e ordenados em uma narrativa em que os eventos fazem sentido.

Portugueses e espanhóis foram as grandes potências do século XVI. Eles chegaram primeiro ao Novo Mundo. As narrativas espanholas e portuguesas das descobertas e dos encontros foram traduzidas para o inglês em meados do século XVI e foram amplamente divulgadas e avidamente lidas pelas classes educadas da Inglaterra. Quando os ingleses (incluindo os puritanos) chegaram à América, muito mais tarde, os seus relatos da Conquista tiveram dois objetivos: postular seu direito à terra e defender a sua posição contra os espanhóis. Para alcançar esse segundo objetivo, eles copiaram as expressões e as palavras que espanhóis e portugueses haviam usado. Então, como uma estratégia defensiva, os puritanos, ao descreverem seus encontros, utilizaram as mesmas expressões empregadas

pelos espanhóis, imitando-os em busca de legitimação. Por isso, as semelhanças não surpreendem.

História Unisinos: Qual é o papel atribuído à experiência americana dentro dos projetos de colonização? Ou seja, as vivências na América alteraram a percepção do Novo Mundo ao longo de quase 150 anos no campo das cerimônias de posse?

Patrícia Seed: É certo que a experiência americana alterou percepções. As suposições iniciais de abundância e de uma utopia rapidamente foram dissipadas após encontros com as realidades da vida cotidiana. Os colonos tiveram que ajustar suas dietas, suas roupas, sua habitação às condições do Novo Mundo.

Mas, no que diz respeito às cerimônias de posse, muito pouco mudou. O *Requerimiento* acabou sendo entendido como um “convite à submissão” em vez de uma pretensão, uma exigência. Os ingleses debatiam se um título legítimo (ou domínio) dependia de uma concessão direta da Coroa ou se alguém delegado pela Coroa também poderia conceder o direito de domínio, um título.

A razão para tal continuidade era óbvia. Grandes alterações nos rituais de posse poderiam trazer questionamentos em relação à legitimidade dos atos anteriores. Era do interesse de todos os governos europeus para manter a legitimidade de seus títulos sobre cada parte do Novo Mundo que eles tinham conseguido obter.

Referências

- SEED, P. 1988. *To Love, Honor, and Obey in Colonial Mexico: Conflicts Over Marriage Choice, 1574-1821*. Stanford, Stanford University Press, 322 p.
- SEED, P. 1995. *Ceremonies of Possession in Europe's Conquest of the New World, 1492-1640*. New York, Cambridge University Press, 199 p.
- SEED, P. 1999. *Cerimônias de posse na conquista europeia do Novo Mundo (1492-1640)*. São Paulo, Editora UNESP, 279 p.
- SEED, P. 2001. *American Pentimento: The Invention of Indians and the Pursuit of Riches*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 299 p.
- SEED, P. 2014. *The Oxford Map Companion to World History*. New York, Oxford University Press, 248 p.

Luis Guilherme Assis Kalil
Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Rua Cora Coralina, 100
13083-896, Campinas, SP, Brasil

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes
Universidade Federal de Ouro Preto
Departamento de História (ICHS)
Rua do Seminário, s.n.
35420-000, Mariana, MG, Brasil